

# HISTÓRIA DIGITAL

## *arquivo, memória e narrativa na Era do Big Data*

### *Apresentação*

O engajamento da História com as tecnologias digitais tem crescido rapidamente nos últimos anos, demonstrando uma progressiva consolidação do campo da História Digital. Essa consolidação pode ser verificada por meio do estabelecimento de grupos de pesquisa, de laboratórios e periódicos especializados e de publicações diversas, como artigos, dissertações e teses, além do empenho de professores(as) e de pesquisadores(as) na formação de um corpo de praticantes e de estudantes preocupados com problemas e com temas pertinentes a essa seara.

As questões postas pela História Digital se movimentam transdisciplinarmente e se desdobram por todos os âmbitos do fazer historiográfico. Elas tornam tênues as fronteiras tradicionais entre produção, circulação/consumo e armazenamento do conhecimento, além de apontar para novas formas de pesquisa, de ensino e de extensão pautadas pela novidade medial da digitalidade. A produção historiográfica precisa, nesse sentido, levar em conta, por um lado, os novos agentes envolvidos nesses processos e as suas formas de combinação e de contribuição, indicando, assim, um novo entendimento da noção de autoria (como, por exemplo, podemos pensar a relação entre humanos e inteligência artificial?). Por outro lado, a reflexão historiográfica deve se atentar a teorias da interpretação possíveis capazes de articular métodos, técnicas e ferramentas de pesquisa com (e a partir de) objetos digitais em seu caráter simbólico e material, isto é, em sua medialidade própria.

Esses debates inserem-se no âmbito da própria história da nossa disciplina, porém, a partir de novos e dinâmicos horizontes interpretativos e prático-operatórios, que problematizam não apenas mídias e documentos analógicos que mudam de suporte, ou seja, que são digitalizados, mas, também, e sobretudo, os que são oriundos do próprio ambiente eletrônico, os chamados nato-digitais. O acúmulo desses materiais multimídia e o acachapante volume de dados gerados cotidianamente incrementam ainda mais a complexidade dessa paisagem informacional que desafia a noção tradicional de tempo histórico. Esse quadro nos instiga a elaborar de critérios analíticos e hermenêuticos propícios para cada modalidade em si, na medida em que fontes históricas possuem especificidades próprias, bem como na abertura para problemáticas diferenciadas, pressionando, correlatamente, as formas de operacionalização e de reflexão dos fenômenos propriamente digitais. Além disso, é importante salientar que o desenvolvimento do campo se dá em confrontação a determinadas paisagens técnicas (com suas ecologias das mídias) e institucionais (os valores e virtudes de grupos e indivíduos) que determinam as suas condições de possibilidade e os seus modos precisos de realização.

Ademais, as formas de circulação do conhecimento possibilitadas por dispositivos e mídias conectados em rede suscitam questionamentos que se direcionam para os novos espaços de interação, que possuem suas formas próprias de funcionamento e implicações variadas para as figuras do(a) historiador(a) (“produtor(a)”) e do(a) leitor(a) (“consumidor(a)”). Do mesmo modo, é importante oferecer um aprofundamento para investigações que movimentem os conceitos de arquivo, memória, fonte, vestígio e documento, bem como dos processos de arquivamento, de preservação e de gerenciamento de informação e mesmo sobre as condições de produção e de estabelecimento dos acervos nos ambientes institucionais, apontando, dessa maneira, para as suas dimensões técnica, estética, política, ética e jurídica inerentes. Afinal, que diferença faz o Digital, em sua digitalidade, para a/na História? Tal é a contribuição que este dossiê busca somar.

ANITA LUCCHESI  
MURILO GONÇALVES  
THIAGO NICODEMO